

Universal evita adesão

FRANCISCO LUIZ NOEL

A ausência de lideranças da Igreja Universal do Reino de Deus no almoço do presidente Fernando Henrique Cardoso com evangélicos, na Academia de Tênis, em Brasília, foi o mais claro sinal de que os seguidores do *bispo* Edir Macedo optaram por passar ao largo da campanha pela reeleição. Depois de ter apoiado as candidaturas de Fernando Collór, em 1989, e de Fernando Henrique, em 1994, a Universal decidiu centrar fogo na eleição de deputados federais e estaduais e pôs em segundo plano a disputa nacional. O lema é não atacar, mas também não sair em defesa da candidatura presidencial.

Enquanto Fernando Henrique selava o apoio de dirigentes de igrejas como a Assembléia de Deus, os dois principais interlocutores do governo na Universal estavam longe. O coordenador político da igreja, *bispo* Carlos Rodrigues, dedicava-se no Rio à

campanha para à Câmara dos Deputados pelo PFL, enquanto o deputado federal Paulo de Velasco (Prona-SP) buscava votos na capital paulista para reeleger-se. Rodrigues disse que a igreja escolheu posicionar-se de “forma mais liberal” diante da disputa pela presidência, evitando “apoio explícito” a Fernando Henrique.

Não foi por falta de conversas e de acenos que a Universal – com fiéis estimados em 1,5 milhão no país – deixou de despachar *cardeais* para o almoço de adesão a Fernando Henrique. No sábado, logo após as primeiras notícias de que 23 fiéis haviam morrido com a queda do teto de uma igreja da Universal em Osasco (SP), o presidente telefonou do Amapá para o *bispo* Rodrigues, lamentando o episódio. Nos últimos meses, o *bispo* Rodrigues e o deputado De Velasco participaram de reuniões de evangélicos com o presidente e até de negociações com os coordenadores da campanha, Euclides Scalco e Eduardo Jorge.